

AIDEN THOMAS

# OS GAROTOS DO CEMITÉRIO

Tradução de  
Arthur Ramos

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

## NOTA DA EDITORA

*Os garotos do cemitério* é um livro publicado por Aiden Thomas em 2020, um momento na sociedade em que se pode, finalmente, ainda que em meio a numerosas tentativas de perpetuação do preconceito contra pessoas LGBTQ+, perceber progressos no que diz respeito à representatividade. Por esse motivo Aiden fez a escolha, na língua inglesa, de eleger a linguagem neutra para fazer referência a personagens transgêneros e/ou não binários, como Yadriel, o protagonista, determinados personagens secundários e quando ocorrem definições sobre a comunidade da qual nosso protagonista e sua família fazem parte.

A língua portuguesa — e línguas latinas no geral —, no entanto, esbarra em problemáticas de cunho gramatical quando a linguagem neutra entra em pauta, e, nesse aspecto, enquanto editora, tivemos de dispor de uma dose extra de atenção. Nossa preocupação, nesse momento, é tornar esta história acessível, e como uma linguagem neutra em sua plenitude ainda não existe em português, fizemos a escolha editorial de utilizar uma mescla entre linguagem não binária — ou neutra — e linguagem padrão.

A busca pela diversidade editorial não pode, no entanto, ser restrita à escolha do título, deve contemplar todos os profissionais envolvidos na obra. Por esse motivo, *Os garotos do cemitério* foi traduzido, copidescado e revisado exclusivamente por profissionais não héteros. Esperamos, assim, que a história de Yadriel e Julian alcance e comova o maior número de leitores possível.



*No me llores,  
porque si lloras  
yo peno,  
en cambio si tu cantas  
yo siempre vivo,  
y nunca muero.*

*Não chore por mim,  
porque, se você chora,  
eu sinto a sua dor,  
mas se você cantar para mim  
eu viverei para sempre,  
e meu espírito nunca morrerá.*

“LA MARTINIANA”, UMA CANÇÃO POPULAR MEXICANA

# CAPÍTULO 1

**T**ecnicamente, Yadriel não estava invadindo o cemitério, porque havia morado lá a vida inteira e não podia invadir a própria casa. Mas arrombar a igreja com certeza ultrapassava os limites da ambiguidade moral.

Ainda assim, se queria finalmente provar que era um bruxo, precisava realizar o ritual diante da Senhora Morte.

E ela estava na igreja.

A garrafa térmica preta cheia de sangue de galinha balançou junto ao quadril de Yadriel quando ele passou sorrateiramente pela pequena casa de sua família, na entrada do cemitério. Os outros suprimentos para a cerimônia estavam escondidos em sua mochila. Ele e Maritza, sua prima, passaram agachados sob as janelas da frente, tomando cuidado para não bater a cabeça no peitoril. Dava para ver as silhuetas dos bruxes festejando lá dentro através das cortinas. Suas risadas e o som da música ecoavam pelo cemitério. Yadriel fez uma pausa e se escondeu nas sombras para checar se a barra estava limpa antes de pular da varanda e partir em disparada. Maritza seguiu logo atrás, os passos ecoando em sincronia com os de Yadriel enquanto corriam por caminhos de pedra e pisavam em poças de água.

O coração de Yadriel batia acelerado, os dedos roçando os tijolos molhados do columbário, onde ficavam guardadas as urnas funerárias, enquanto procurava por qualquer sinal dos bruxos fazendo ronda no cemitério aquela noite. Patrulhar o cemitério para garantir que nenhum

dos espíritos dos mortos causasse problemas era uma das responsabilidades dos homens. Eram poucos e raros os espíritos que se tornavam malignos, então as rondas consistiam basicamente em garantir que forasteiros não invadissem o terreno, deixar os túmulos livres de ervas daninhas e fazer a manutenção em geral. Os bruxos mais jovens sempre reclamavam desse serviço, mas era uma das tarefas às quais Yadriel sonhava em ser confiado.

Ouvindo o som de um violão mais adiante, Yadriel se agachou atrás de um sarcófago, puxando Maritza consigo. Espiando pelo canto, viu Felipe Mendez descansando recostado em uma lápide, tocando e cantando. Felipe era o morador mais recente do cemitério bruxe. O dia de sua morte, pouco mais de uma semana atrás, estava esculpido na lápide a seu lado.

Bruxes não precisavam ver o espírito para saber que havia um por perto. Os homens e mulheres da comunidade podiam senti-los, como um frio no ar, uma comichão no fundo da mente. Era um de seus poderes intrínsecos, uma dádiva da sua Senhora. Os poderes da vida e da morte: a capacidade de pressentir doenças e ferimentos nos vivos, e de enxergar e se comunicar com os mortos.

Claro que essa habilidade não era muito útil em um cemitério cheio de espíritos. Em vez de um frio repentino, andar pelo cemitério bruxe deixava um calafrio constante em sua espinha.

No escuro, Yadriel mal conseguia notar a “transparência” do corpo de Felipe. Os dedos do espírito moviam-se em um borrão fantasmagórico ao dedilhar as notas em sua *vibuela* — o instrumento era seu *tether*, a posse material mais importante para ele, o que o mantinha ancorado na terra dos vivos. Felipe ainda não estava pronto para ser libertado para o pós-vida.

Ele passava a maior parte do tempo no cemitério tocando sua música e chamando a atenção das bruxas, tanto das vivas quanto das mortas. Sua namorada, Claribel, sempre as botava para correr, e os dois passavam horas juntos no cemitério, como se a morte nunca os tivesse separado.

Yadriel revirou os olhos. Achava tudo aquilo dramático demais. Seria bom se Felipe passasse logo para o pós-vida, assim Yadriel poderia

ter uma noite decente de sono sem ser acordado pelas discussões entre Felipe e Claribel, ou, pior ainda, pelas versões terríveis de “Wonderwall”.

Mas os bruxos não gostavam de forçar um espírito para o pós-vida. Contanto que fossem pacíficos e não se tornassem malignos, eles os deixavam em paz. Só que nenhum espírito podia ficar para sempre. Em algum momento, eles se tornavam perturbados e violentos. Ficar preso entre o mundo dos vivos e o dos mortos desgastava o espírito, corroía sua humanidade. Suas características humanas em dado momento desapareciam, até os bruxos não terem escolha a não ser cortar a ligação com o *tether* e libertá-los para o pós-vida.

Yadriel sinalizou para Maritza segui-lo por um caminho alternativo para não serem vistos por Felipe. Quando já estavam fora de vista, ele puxou a manga da camisa de Maritza e acenou com a cabeça. Yadriel partiu na frente, desviando de estátuas de anjos e santos, tomando cuidado para não deixar a mochila agarrar em um dos dedos esticados das esculturas. Tinha alguns sarcófagos e mausoléus grandes o suficiente para abrigar famílias inteiras. Ele já havia percorrido aquele caminho centenas de vezes e podia fazê-lo de olhos fechados.

Precisou parar de novo quando avistou o espírito de duas meninas brincando de pega-pega, correndo uma atrás da outra, os cachos escuros e os vestidos combinando esvoaçando atrás delas. As duas riam sem parar enquanto passavam correndo através das pequenas tumbas parecidas com casas de passarinho, onde ficavam guardados seus restos mortais cremados. As sepulturas eram pintadas à mão em cores fortes, com suas fileiras de amarelo-dourado, laranja-reluzente, azul-céu e verde-marinho. As portas de vidro deixavam à mostra as urnas de barro alojadas no interior.

Yadriel ficou esperando impacientemente, escondido com Maritza. Ver os espíritos de duas meninas mortas correndo por um cemitério provavelmente assustaria a maioria das pessoas, mas as pequenas Nina e Rosa eram sinistras por outros motivos. As duas eram enormes fofoqueiras e não se podia confiar que não iriam contar tudo ao pai de Yadriel. Se descobriam algum segredo, usavam-no para torturar cruelmente a pessoa.

Por exemplo, fazendo-a passar horas brincando de pique-esconde, quando sempre usavam suas constituições incorpóreas para trapacear ou deixavam de propósito a pessoa ficar escondida atrás de uma lixeira fedida em um dia quente de Los Angeles. Definitivamente não valia a pena ficar em dívida com aquelas duas.

Quando as meninas enfim se afastaram, Yadriel não perdeu tempo e correu em direção ao seu destino final.

Eles dobraram uma esquina e ficaram cara a cara com o portal que dava para a igreja. Yadriel inclinou a cabeça para trás. Os tijolos brancos empilhados diante dele formavam um arco, com as palavras *El Jardín Eterno* escritas delicadamente à mão com tinta preta. O Jardim Eterno. A tinta estava desbotada, mas Yadriel sabia que seu primo Miguel já havia recebido a missão de passar uma demão de tinta antes das festividades do Día de Los Muertos começarem, dali a alguns dias. Uma tranca pesada e aparafusada mantinha invasores à distância.

Como líder das famílias de bruxes, Enrique, o pai de Yadriel, guardava as chaves e só as entregava para os bruxos em turno de vigia no cemitério à noite. Yadriel não tinha uma chave, o que significava que só podia ir ao cemitério durante o dia, ou para rituais e celebrações.

— Vamos! — O sussurro apressado de Maritza e o cutucão de suas unhas manicuradas fizeram Yadriel pular de susto.

O cabelo curto e cheio dela balançava com o vento, cachos rosa-claros e roxos emoldurando seu rosto em formato de coração e contrastando com a pele marrom-escura.

— Precisamos entrar antes que alguém nos pegue aqui!

Yadriel afastou a mão dela.

— Shh! — sussurrou.

Apesar do aviso, Maritza não parecia preocupada em arrumar problemas. Na verdade, ela parecia bastante empolgada. Os olhos escuros estavam arregalados e ela tinha um sorrisinho travesso que Yadriel conhecia bem até demais.

Yadriel se esgueirou para o lado esquerdo do portão. Havia um espaço entre a última barra de ferro forjado e o muro, onde alguns tijolos tinham desmoronado. Ele jogou a mochila pelo buraco antes de virar de lado,

se espremer e passar. Mesmo com o binder de poliéster e lycra, a barra fez uma pressão dolorosa em seu peito. Já do outro lado, ele fez uma pausa para ajustar a peça por baixo da camisa, de modo que os fechos não machucassem sua pele. Tinha demorado para encontrar um binder que masculinizasse seu peito sem que ficasse coçando ou apertasse demais.

Jogando a mochila de volta no ombro, Yadriel se virou e viu que Maritza estava tendo um pouco mais de dificuldade. Ela pressionava as costas contra os tijolos, uma perna de cada lado da barra, enquanto tentava se arrastar para dentro. Yadriel cobriu a boca com a mão para abafar o riso.

Maritza fez cara feia enquanto tentava libertar a bunda do portão.

— Cala a boca! — resmungou ela antes de finalmente se livrar. — Daqui a pouco vamos precisar achar outra maneira de entrar aqui — murmurou, espanando a sujeira dos jeans. — Estamos ficando grandes demais.

— Sua *bunda* é que está ficando grande demais — comentou Yadriel. — Talvez seja hora de dar um tempo dos *pastelitos*. — Ele sorriu.

— E perder essas curvas? — perguntou ela, passando as mãos pela cintura e pelo quadril. Maritza deu um sorrisinho sarcástico. — Obrigada, mas eu prefiro morrer.

Ela deu um soquinho no braço dele antes de seguir em direção à igreja.

Yadriel se apressou para alcançá-la.

Fileiras de calêndulas — a flor dos mortos — ladeavam o caminho de pedra, as flores laranja e amarelas caídas umas sobre as outras como amigos embriagados. Elas haviam florescido naqueles meses que antecediam o Día de Los Muertos e agora as pétalas caídas polvilhavam o chão como confete.

A igreja era pintada de branco, com um telhado de terracota e grandes janelas em arco flanqueando as enormes portas de carvalho. Acima, havia uma pequena alcova em uma parede semicircular, abrigando outra cruz. De ambos os lados, dois buracos portavam sinos de ferro.

— Pronto? — Não tinha nenhum traço de hesitação no olhar de Maritza. Ela estava radiante, quase dando pulinhos.

O coração de Yadriel batia forte e ele podia sentir o frio na barriga.



Ele e Maritza andavam escondidos à noite pelo cemitério desde que eram crianças. Quando pequenos, adoravam se esconder e brincar no jardim da igreja, pois ficava perto o suficiente de casa para ouvir quando Lita os chamava para o jantar. Mas eles nunca tinham *entrado* na igreja escondidos. Se fizessem isso, estariam quebrando várias regras e tradições bruxes.

Se ele fizesse isso, não teria volta.

Yadriel assentiu, tenso, cerrando as mãos em punhos.

— Vamos lá.

Os pelos de sua nuca se arrepiaram ao mesmo tempo que Maritza estremeceu ao seu lado.

— Vamos aonde?

A pergunta brusca fez os dois se sobressaltarem. Maritza recuou rápido e Yadriel precisou segurá-la pelo braço para impedi-la de derrubá-lo.

Havia um homem parado logo à esquerda, ao lado de uma pequena tumba cor de pêssego.

— Cacete, Tito — reclamou Yadriel, uma das mãos ainda agarrando a frente do próprio moletom. — Quase matou a gente de susto!

Maritza torceu o nariz, indignada.

Às vezes, até mesmo para Yadriel e Maritza, um fantasma podia passar batido.

Tito era um homem baixo, vestindo um uniforme de futebol vinho da Venezuela. Tinha um chapéu de palha grande e desgastado na cabeça. Ele estreitou os olhos para Yadriel e Maritza por baixo da aba enquanto se inclinava sobre as calêndulas. Tito era o jardineiro de longa data do cemitério.

Bom, Tito *tinha sido*. Ele estava morto fazia quatro anos.

Quando vivo, Tito havia sido um jardineiro extremamente talentoso. Ele costumava fornecer flores para todas as celebrações bruxes e para os casamentos, feriados e funerais da comunidade não mágica do leste de Los Angeles. O que começou como venda de flores em baldes na feirinha local terminou com sua própria loja.

Após ter morrido enquanto dormia e sido enterrado, Tito reapareceu no cemitério, decidido a tomar conta das flores de que cuidara com tanta

dedicação durante a maior parte de sua vida. Ele disse ao pai de Yadriel que ainda tinha um trabalho a fazer e não confiava em mais ninguém para isso.

Enrique disse que ele podia ficar enquanto fosse Tito. Yadriel se perguntava se a teimosia simples e pura impediria seu pai de libertar o espírito de Tito, mesmo se tentasse.

— Vamos aonde? — repetiu Tito.

Sob as luzes laranja da igreja, ele parecia bastante sólido, embora fosse um pouco mais transparente do que a corpórea tesoura de poda que levava na mão. Espíritos eram mais turvos e tinham cores um pouco menos vibrantes do que o mundo ao redor. Eles pareciam fotografias desfocadas e com baixa saturação. Se Yadriel virasse um pouco a cabeça, a forma de Tito ficava borrada e desbotada.

Yadriel repreendeu a si mesmo. Seu nervosismo o prejudicava, impediria que sentisse a presença de Tito.

— Por que vocês dois não estão em casa, como todo mundo? — insistiu Tito.

— Hã... nós só estávamos indo para a igreja — disse Yadriel, a voz falhando no meio da frase. Ele limpou a garganta.

Tito ergueu uma sobrançelha espessa, deixando óbvio que não estava convencido da inocência deles.

— Só para dar uma olhada em alguns suprimentos. — Yadriel deu de ombros. — Para garantir que esteja tudo... arrumado.

Com um *sch*, a tesoura de Tito cortou uma calêndula pelo caule.

Maritza deu uma cutucada em Yadriel e fez um gesto significativo com a cabeça.

— Ah! — Yadriel pegou a mochila e começou a remexer nela, tirando de dentro um pano de prato branco dobrado. — Trouxe uma coisa para você!

Felipe estava ocupado demais com a namorada para se importar com o que Yadriel e Maritza aprontavam no cemitério, e era bastante fácil passar por Nina e Rosa, mas Tito era outra história. Tito e o pai de Yadriel eram bons amigos e ele tinha pouquíssima paciência para besteiras.

Mas ofertas de comida eram capazes de convencê-lo a fazer vista grossa.

— Lita acabou de fazer, ainda tá quentinho! — Yadriel foi abrindo as dobras e revelou uma *concha*. O delicioso pãozinho doce tinha uma cobertura crocante e se assemelhava a uma concha marinha. — Eu te trouxe um verde, seu favorito!

Se sua mentira improvisada não convencera Tito, talvez o pão doce o conquistasse.

Tito fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Não ligo para o que vocês dois encrenqueiros estão tramando — resmungou ele.

Maritza fez um som de indignação e levou a mão ao peito em um gesto dramático:

— *Nós?! Nunca...!*

Yadriel empurrou Maritza para fazê-la se calar. Não se consideravam encrenqueiros, ainda mais se comparados com outros jovens bruxes, mas sabia que insistir na atitude de inocência não ia funcionar com Tito.

Por sorte, Tito parecia querer se ver livre deles.

— Para *fuera*, mas não encostem na minha calêndula asteca.

Yadriel não hesitou. Agarrou o braço de Maritza e avançou em direção à igreja.

— Deixe a *concha* — acrescentou Tito.

Yadriel a deixou em cima da tumba cor de pêssego enquanto Tito voltava a aparar suas calêndulas.

O menino subiu os degraus da igreja correndo, com Maritza logo atrás. Com um empurrão forte, as pesadas portas se abriram rangendo.

Eles se esgueiraram pelo corredor. O interior era simples e, ao contrário da maioria das igrejas, naquela não havia muitas fileiras de bancos nem assentos nos fundos. Quando os bruxes se reuniam para cerimônias e rituais, se organizavam em círculos pelo salão. Três enormes janelas formavam a abóbada da igreja. Durante o dia, a luz do sol da Califórnia atravessava o vitral colorido e intrincado. Dezenas de velas apagadas lotavam o altar principal.

Em um parapeito no meio da parede estava a estátua da Deusa sagrada, a que havia conferido aos bruxes seus poderes há milhares de anos, quando deuses e monstros percorriam as terras da América Latina e do Caribe: a Senhora dos Mortos.

O esqueleto era esculpido em pedra branca. A tinta preta acentuava as linhas de seus dedos ossudos, seu sorriso cheio de dentes e seus olhos vazios. A Senhora Morte usava um tradicional *huipil* branco laceado e uma saia em camadas. Havia um manto envolvendo a coroa em sua cabeça, caindo até a altura dos ombros. Pequenas flores haviam sido bordadas em fio dourado na gola de seu vestido e na bainha do manto, e um buquê de calêndulas recém-cortadas estava alojado em suas mãos esqueléticas.

Ela tinha muitos nomes e variações — Santa Morte, *Huesuda*, Dama das Sombras, *Mictecacibuatl*. Dependia da cultura e da língua, mas todas as representações e imagens significavam a mesma coisa. O que Yadriel mais queria no mundo era ser abençoado pela Senhora Morte, servi-la e ter seu próprio talismã. Ele queria ser como os outros bruxos, queria encontrar espíritos perdidos e ajudar a guiá-los para o pós-vida. Ele queria passar noites acordado no serviço entediante do cemitério. Caramba, ele aceitaria até passar horas limpando ervas daninhas e pintando tumbas, se isso significasse ser aceito pelo seu povo como um bruxo.

Aproximando-se dela, impulsionado pelo seu desejo de servi-la, Yadriel pensou em todas as gerações de bruxes que tiveram suas cerimônias de iniciação naquele lugar, aos quinze anos. Homens e mulheres que haviam imigrado de todos os cantos — México e Cuba, Porto Rico e Colômbia, Honduras e Haiti, até mesmo os antigos incas, astecas e maias —, e a todos os deuses antigos tinham concedidos poderes. Uma mistura de culturas vibrantes e diversificadas que criaram uma única comunidade.

Quando bruxes completavam quinze anos, faziam sua apresentação à Senhora Morte, que abençoava e conectava sua magia à pessoa condutora escolhida, seu talismã. Para as mulheres, o talismã muitas vezes tomava a forma de um rosário (um símbolo que começara como um colar cerimonial e se modificara com o crescimento do catolicismo na América

Latina). Era uma peça que podia facilmente passar despercebida, e era finalizada com um amuleto que podia conter uma pequena quantidade de sangue animal de sacrifício. Um crucifixo era o símbolo mais comum nesses colares, mas às vezes o rosário de uma bruxa terminava em uma estatueta ou no sagrado coração da Senhora Morte.

O talismã dos rapazes era geralmente uma espécie de adaga, já que era necessária uma lâmina para cortar o fio dourado que ligava o espírito e seu *tether*. Cortando essa ligação, eles conseguiam libertar o espírito para o pós-vida.

Ganhar o talismã era um rito de passagem importante para qualquer bruxa.

Menos para Yadiel.

Sua cerimônia havia sido adiada indefinidamente. Ele completara dezesseis anos em julho e estava cansado de esperar.

Para mostrar à sua família o que ele era, *quem* ele era, Yadiel precisava realizar sua cerimônia por conta própria — com ou sem a aprovação deles. Seu pai e o restante da comunidade bruxa não lhe deixaram outra escolha.

Suor escorreu pelas suas costas, fazendo um arrepio percorrer seu corpo. O ar parecia carregado, como se o chão vibrasse com energia. Era agora ou nunca.

Ajoelhando em frente à Senhora Morte, Yadiel tirou da bolsa os itens necessários para o ritual. Ele arrumou quatro velas de oração no assoalho, formando um diamante para representar os quatro ventos. Uma tigela de cerâmica foi posicionada no meio, para representar a terra. Yadiel havia furtado uma minigarrafa de tequila da caixa de oferendas do Día de Los Muertos. Ele se atrapalhou um pouco com a garrafa antes de abrir a tampa e despejar o líquido na tigela. O cheiro ardeu em seu nariz. Ao lado, ele colocou um pequeno frasco de sal.

Tirou uma caixinha de fósforos do bolso dos jeans, a chama tremeluzindo enquanto acendia as velas. As luzes cintilantes fizeram os fios de ouro do manto da Senhora Morte brilharem por entre as dobras e vincos.

Ar, terra, água e fogo. Norte, sul, leste e oeste. Esses eram os elementos necessários para invocar a Senhora Morte.

O último ingrediente era o sangue.

Invocar a Senhora Morte exigia uma oferenda de sangue. Era a coisa mais poderosa a se oferecer, já que sangue continha vida. Dar o seu sangue a ela era dar um pouco do seu corpo terrestre e do seu espírito. Era tão poderoso que sangue humano oferecido em sacrifício não podia passar de algumas gotas; do contrário, a oferenda drenava a força vital desse bruxe, resultando em morte certa.

Só existiam dois rituais que exigiam que qualquer bruxe fizesse uma oferenda de sangue. O primeiro era quando nasciam, e tinham as orelhas furadas, fazendo pingar uma gota. Esse ato permitia a eles ouvirem os espíritos dos mortos. As orelhas de Yadriel agora continham alargadores de plástico preto. Ele gostava de homenagear a antiga prática bruxe de alargar as orelhas com discos cada vez maiores feitos com pedras preciosas sagradas, como obsidiana ou jade. Seus lóbulos tinham agora o tamanho de uma moeda, após muitos anos de uso.

A única outra vez que bruxes usavam seu próprio sangue como oferenda era durante a cerimônia de iniciação. A oferenda era feita da língua, para poderem falar com a deusa e pedir à Senhora Morte sua bênção e sua proteção.

E esse corte era feito com seu talismã.

Maritza tirou uma trouxa de pano de sua própria mochila e estendeu para ele.

— Levei semanas fazendo — disse ela enquanto Yadriel desamarrava o cordão. — Me queimei umas oito vezes e quase cortei o dedo fora, mas acho que meu pai já está desistindo de tentar me manter longe da forja.

Ela deu de ombros, mas estava empertigada, um sorrisinho orgulhoso nos lábios. Yadriel sabia o quanto aquilo era importante para ela.

Havia décadas que a família de Maritza era a responsável por forjar armas para os homens, um ofício que o pai dela trouxera do Haiti. Ela tinha um grande interesse em aprender com o pai. Já que as lâminas não viam sangue até a cerimônia de iniciação de algum garoto, era uma maneira de ela participar da comunidade sem abrir mão da sua moral. A mãe de Maritza não achava que fosse uma profissão apropriada para meninas, mas quando Maritza decidia alguma coisa, era quase impossível convencê-la do contrário.

— Nada espalhafatoso e ridículo como a do Diego — disse ela, revirando os olhos, se referindo ao irmão mais velho de Yadiel.

Yadiel abriu o resto da trouxa de pano para revelar uma adaga.

— Uau — murmurou ele em admiração.

— É prática — explicou Maritza, espiando por cima do ombro do primo.

— É *foda* — disse Yadiel, um sorriso enorme no rosto.

Maritza ficou radiante.

A adaga tinha o comprimento do seu antebraço, com uma lâmina reta e uma guarda em cruz que se curvava como um S. A Senhora Morte havia sido pintada delicadamente no punho de madeira polida. Yadiel segurou a adaga, seu peso sólido e reconfortante. Ele tracejou com o polegar as linhas finas de tinta dourada que saíam da Senhora Morte, sentindo cada pincelada rebuscada.

Aquela era a sua adaga. O seu talismã.

Yadiel tinha tudo que precisava. Só restava terminar o ritual.

Ele estava pronto. Estava *determinado* a se apresentar para a Senhora Morte, com ou sem a aprovação das outras pessoas. Mesmo assim, ele hesitou. Segurando firme o talismã, ele mordeu o lábio enquanto olhava para a Senhora Morte. A dúvida o corroía.

— Ei.

Yadiel levou um susto quando Maritza colocou a mão em seu ombro, os olhos castanhos expressivos enquanto o observava.

— É só... — Yadiel limpou a garganta, os olhos passando pela igreja.

Maritza franziu as sobrancelhas em preocupação.

A cerimônia de um bruxe era o dia mais importante de sua vida. O pai, o irmão e a *abuela* deviam estar ao lado de Yadiel. Ao se ajoelhar no chão de pedra dura, ele sentiu o peso do vazio ao seu redor. No silêncio, podia ouvir a estática das chamas inquietas das velas, o zumbido elétrico das luzes néon. Sob os olhos vazios da Senhora Morte, ele se sentiu pequeno e sozinho.

— E se... e se não funcionar? — perguntou ele. Mesmo tendo quase sussurrado, sua voz ecoou pela igreja. — E se ela me rejeitar?

— Escuta. — Maritza apertou seus ombros. — Você consegue, está bem?

Yadriel assentiu, passando a língua pelos lábios secos.

— Você sabe quem você é, *eu* sei quem você é, e nossa Senhora aqui também sabe — disse ela com uma convicção tão feroz que um sorriso começou a surgir nos lábios de Yadriel. — Então, que se danem os outros! — Maritza sorriu. — Se lembre do motivo de estarmos fazendo isso.

Yadriel respirou fundo e falou com o máximo de coragem que conseguiu reunir:

— Para eles verem que eu sou um bruxo.

— Isso também, mas além disso.

— Revanche? — chutou Yadriel.

— Revanche! — exclamou Maritza. — Eles vão ficar com cara de imbecis quando você mostrar pra eles. E eu quero que você aproveite esse momento, Yads! De verdade... — Ela respirou fundo e colocou as mãos no peito. — Aproveite a doce, *doce* sensação de vingança!

Yadriel deu uma risada curta.

Maritza sorriu.

— Vamos lá, bruxo.

Yadriel conseguia sentir o sorriso largo no próprio rosto.

— Só não faz besteira, para a deusa não pulverizar você com um raio ou sei lá, ok? — disse ela, recuando alguns passos. — Não posso carregar o título de prima rebelde sozinha.

Ser transgênero e gay fizera Yadriel ganhar o título de Maior Rebelde no meio bruxe. Embora, para falar a verdade, a parte de ser gay tivesse sido muito mais tranquila para a comunidade aceitar, mas apenas porque entendiam seu interesse por meninos como heterossexual.

Mas Maritza também fizera por merecer sua fama, por ser a única bruxa vegana na comunidade deles. Um ano mais nova do que Yadriel, ela tivera sua cerimônia de iniciação no ano anterior, mas havia se recusado a se deixar ser curada, porque isso exigia sangue animal. Uma das primeiras memórias de Yadriel era de Maritza chorando inconsolavelmente ao ver sua mãe usando sangue de porco para curar a perna quebrada de uma criança. Desde cedo Maritza havia decidido que não queria seguir o curandeirismo, se isso significava precisar machucar outro ser vivo.



Na penumbra da igreja, Yadiel conseguia ver o talismã dela em volta de seu pescoço: um rosário de quartzo rosa que terminava em uma cruz de prata, mas o recipiente oculto permanecia vazio. Maritza explicara que, mesmo recusando-se a usar seus poderes, ela ainda respeitava a deusa e os seus antepassados.

Yadiel a admirava por suas convicções, mas também se sentia frustrado com isso. Tudo que ele queria era ser aceito, ganhar seu talismã, ser tratado como todos os outros bruxos e receber as mesmas responsabilidades. E Maritza, ao contrário, tinha recebido todos os direitos como bruxa, mas escolhera rejeitá-los.

— Agora, anda! — disse Maritza, com um gesto impaciente.

Ele apertou mais a garrafa térmica na mão, o metal gelado refrescando sua palma suada, enquanto soltava o ar pelos lábios pressionados.

Com mais confiança, Yadiel desenroscou a tampa e derramou o sangue de galinha na cumbuca. Em sua defesa, Maritza tentou esconder seu olhar de nojo.

Enquanto o líquido vermelho-escuro se misturava com a tequila, uma rajada de vento percorreu a igreja. As chamas das velas bruxulearam. O ar da sala pareceu denso, como se o local estivesse lotado de pessoas, ainda que, exceto por ele e Maritza, estivesse completamente vazio.

Adrenalina corria pelas veias de Yadiel, e todos os pelos de seus braços se arrepiaram. Quando falou, ele se esforçou para deixar sua voz o mais firme e forte possível.

— Santíssima Santa Morte, peço sua bênção — disse Yadiel.

Uma corrente de ar passou pelo seu rosto e arrastou-se como dedos através de seu cabelo. As chamas tremeram e a estátua da Senhora Morte de repente pareceu viva. Ela não se moveu ou mudou, mas Yadiel sentia algo vindo em sua direção.

Riscou um fósforo e jogou na tigela. Ele bateu no líquido, explodindo em chamas.

— Prometo proteger os vivos e guiar os mortos — disse Yadiel, jurando defender as responsabilidades dos bruxos.

Suas mãos tremiam e ele agarrou o talismã com mais força.

— Este é o meu sangue, derramado por você.

Segurando a adaga, Yatriel abriu a boca e pressionou a ponta da lâmina em sua língua até cortar. Ele estremeceu e posicionou o talismã na sua frente. Uma fina linha vermelha brilhou na borda da lâmina sob a luz quente das velas.

Ele segurou a adaga acima da cumbuca em chamas. Assim que as chamas lambeiram o aço, o sangue abrasou e as velas se acenderam como tochas, as labaredas altas e fortes. Yatriel se encolheu quando a onda de calor bateu em seu rosto.

Ele tirou o talismã do fogo e disse as últimas palavras.

— Com um beijo, te prometo a minha devoção — murmurou ele, antes de passar a língua pelos lábios.

Equilibrando o punho da adaga na palma, ele beijou a imagem da Senhora Morte.

Uma luz dourada apareceu na ponta da lâmina e passou pelo punho da adaga até chegar à mão de Yatriel. Sua pele brilhou quando a luz desceu por seus dedos e subiu pelo braço, viajando pelas pernas abaixo e se enrolando nos dedos dos pés. Yatriel estremeceu, a sensação emocionante lhe roubando o fôlego.

Tão rapidamente quanto surgira, o pesado golpe de magia na igreja se dissipou. As chamas das velas se apagaram todas juntas, o ar do cômodo ficou parado. Yatriel empurrou a manga do seu casaco e olhou para seu braço com admiração enquanto a luz dourada se extinguia, deixando sua pele marrom imaculada.

Ele olhou fixamente para a Senhora Morte.

— Cacete — disse Yatriel, ofegante, colocando as mãos no rosto. — Puta merda! Deu certo! — Yatriel levou a mão ao peito e sentiu o coração batendo forte contra sua palma. Ele olhou rapidamente para Maritza, pedindo confirmação. — Deu... deu certo?

O fogo na tigela brilhava nos olhos dela, um sorriso enorme em seu rosto.

— Só tem um jeito da gente descobrir.

O riso borbulhou na garganta de Yatriel, o alívio e a adrenalina o deixando quase delirante.

— Certo.

Se a Senhora Morte o tivesse abençoado, concedendo-lhe os poderes dos bruxes, ele conseguiria invocar um espírito perdido. Se conseguisse invocar um espírito e libertá-lo para o pós-vida, então poderia finalmente mostrar para todos quem era — bruxes, sua família, seu pai. Todos o veriam como realmente era. Um menino e um bruxo.

Yadriel ficou de pé, segurando cuidadosamente seu talismã junto ao peito. Sugou os lábios, provando os últimos vestígios de sangue. Sua língua doía, mas o corte havia sido pequeno. A dor estava no mesmo nível de quando se queimara tentando beber café de *olla* recém-saído do fogão.

Enquanto Maritza recolhia as velas, fazendo questão de passar longe da tigela flamejante de sangue, ele se aproximou da estátua da Senhora Morte. Como Yadriel tinha apenas pouco mais de um metro e meio de altura, precisava esticar bastante o pescoço para conseguir espiar a estátua em sua alcova.

Queria poder falar com ela. Será que ela o enxergaria como realmente era? Algo que nem sua própria família conseguia? Yadriel passara anos se sentindo incompreendido por todos, exceto por Maritza. Quando contara a ela sua verdadeira identidade, três anos antes, ela nem hesitou. *Ay, finalmente!*, ela dissera, exasperada, mas sorridente. *Eu sempre soube que tinha alguma coisa aí, estava só esperando você desembuchar.*

Durante aquele período, ela foi sua fiel confidente, constantemente trocando pronomes, dependendo se estavam sozinhos ou acompanhados, até ele estar pronto.

Demorou mais um ano, quando estava com catorze, para arrumar a coragem de se assumir para a família. Não tinha ido muito bem, ainda era uma luta constante para conseguir que sua família e outros bruxes usassem os pronomes corretos e o chamassem pelo nome certo.

Além de Maritza, sua mãe, Camila, fora quem mais o apoiara. Era difícil se desfazer de antigos hábitos, mas ela se acostumara surpreendentemente rápido. A mãe de Yadriel havia também assumido a tarefa de corrigir gentilmente as pessoas, de modo que ele não precisasse fazer isso. Era um fardo pesado, pequenas ocorrências que se acumulavam, mas sua mãe o ajudava a compartilhar um pouco do peso.

Quando ele se sentia especialmente exausto da luta constante para ser quem era — fosse na escola ou na sua própria comunidade —, sua mãe o sentava no sofá e o puxava para perto, e ele descansava a cabeça em seu ombro. Ela sempre cheirava a cravo e canela, como se tivesse acabado de fazer torta bejarana. Sua mãe gentilmente fazia cafuné nele, murmurando: *Meu filho, meu Yadriel*. Lentamente, ela diminuía a dor dele para um incômodo chato que nunca passava de vez.

Mas já fazia quase um ano que ela partira.

Yadriel fungou e limpou o nariz, sentindo um nó na garganta.

Aquele seria o primeiro Día de Los Muertos desde a morte dela. Na meia-noite do dia primeiro de novembro, os sinos da igreja tocariam, recebendo de volta no cemitério os espíritos de qualquer bruxe que tivesse falecido. Então, por dois dias, Yadriel poderia vê-la novamente.

Ele mostraria à mãe que era um *verdadero* bruxo. Um filho de quem ela podia se orgulhar. Realizaria as tarefas que seu pai e o pai de seu pai tiveram que realizar, como filhos da Senhora Morte. Yadriel se provaria a todos.

— Vamos lá, bruxo — incitou Maritza gentilmente, empurrando-o de leve. — Precisamos sair daqui antes que alguém nos veja.

Yadriel se virou e sorriu.

Bruxo.

Ele estava prestes a se abaixar e pegar a tigela do chão quando os pelos de sua nuca arrepiaram. Yadriel congelou e olhou para Maritza, que também tinha congelado.

Algo estava errado.

— Você sentiu isso? — perguntou ele.

Mesmo em um sussurro, sua voz pareceu alta demais na igreja vazia.

Maritza assentiu.

— O que foi?

Yadriel balançou levemente a cabeça. Foi quase como sentir a presença de um espírito por perto, mas diferente. Mais forte do que qualquer coisa que Yadriel já sentira. Uma inexplicável sensação de pavor se acomodou em seu estômago.

Ele viu Maritza estremecer enquanto sentia um calafrio na espinha.

Houve um momento de silêncio.

Em seguida, uma dor ardente queimou o peito de Yadiel.

Ele gritou, a força o derrubando de joelhos.

Maritza caiu, um grito estrangulado saindo de sua garganta.

A dor era insuportável. A respiração de Yadiel vinha em pontadas ardentes enquanto apertava o próprio peito. Seus olhos lacrimejaram, desfocando a visão da Senhora Morte acima dele.

Quando começou a achar que não aguentaria mais, que a dor certamente o mataria, passou.

A tensão deixou seus músculos, e seus braços e pernas ficaram dormentes, pesados de exaustão. Seu corpo estava coberto de suor. Yadiel tremia ao levar a mão ao peito, bem acima de seu coração, onde a dor palpitante tinha virado um incômodo chato. Maritza também estava caída no chão, a mão apertando o mesmo lugar, sua pele pálida e brilhante pela camada de suor.

Eles se encararam, tentando recuperar o fôlego. Não disseram nada. Sabiam o que significava. Podiam sentir na pele.

Miguel partira. Um deles havia morrido.